

Crônica: um gênero especial e ambíguo

Ercília Macedo-Eckel

1 Origem, histórico e maiores representantes

Cronos ou Saturno destronou seu pai Urano e casou-se com a própria irmã Reia. Deveria ser destronado por um de seus filhos, conforme a profecia de Urano-pai. Então, para evitar que essa profecia se cumprisse, passou a devorar um a um cada filho seu nascido de Reia. Mas o último, Zeus ou Júpiter, sobreviveu com a ajuda da mãe. E, quando adulto, deu uma poção mágica a Cronos, que o fez vomitar todos os filhos devorados.

A *crônica* segue a linha do *tempo* e mudou de sentido ao longo dos séculos, como veremos a seguir:

1°. - Do início da era cristã até a Idade Média, compreendia-se crônica como relação ou registro de acontecimentos e eventos, sem aprofundar-lhes as causas ou dar-lhes qualquer interpretação. Tais anotações obedeciam a uma sequência linear do tempo, como os anais da História.

2°. - Os acontecimentos passaram a ser narrados com abundância de detalhes e exegese (interpretação) individual dessa História, como em Fernão Lopes (Séc. XV). Nesse sentido teve seu ponto alto na Idade Média e, com o Renascimento, a palavra crônica começou a ser substituída por História.

3°. - No século XIX, textos com roupagem literária e distantes da primitiva forma de crônicas (os folhetins) foram inaugurados pelo francês Jean Louis Geoffroy (1800) no *Jornal des Débats*. Os folhetins eram textos leves e frívolos no rodapé de notícias pesadas do jornal; um chamariz para atrair e distrair os leitores.

Havia duas espécies distintas de folhetins:

1ª. *Folhetim-romance* - textos de ficção ou romance em capítulos, colocados em rodapés de jornal. Essa espécie de folhetim foi a precursora das novelas de rádio e televisão. Também deu origem a romances como *O guarani* (José de Alencar), *Memórias de um sargento de milícias* (Manoel Antônio de Almeida), *O Ateneu* (Raul Pompeia), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (Lima Barreto).

2ª. *Folhetim-variedades* - Matéria variada sobre os acontecimentos do dia-a-dia carioca, das províncias do Brasil e até do mundo. Essa espécie de folhetim deu origem ao conceito atual de crônica, abriu portas a vários escritores, bem como estimulou o hábito da leitura leve e ligeira.

Entre nós, imitadores da Europa na época, os primeiros folhetins apareceram depois de 1836. E, no final do século XIX, evoluiu para a crônica brasileira /ou carioca, miscigenou-se, mestiçou-se, cresceu em prestígio, adquiriu diferentes formas e tornou-se sem similar na língua de outros povos. Um grande folhetinista é Machado de Assis com sua metalinguagem sobre o folhetim. E ele chama o cronista de colibri, esvoaçando sobre assuntos diversos.

Nossa história literária não começa com a carta-crônica de Pero Vaz de Caminha - no conceito antigo de registro de fatos históricos?

Nosso primeiro cronista surge no registro circunstancial do *achamento* do Brasil, em que Caminha narra fatos, recria a realidade do confronto entre europeus e índios e manifesta seu entusiasmo diante da paradisíaca paisagem brasileira daquela época.

Porém a crônica nasceu mesmo foi no *Jornal do comércio*, na seção *A semana*, inaugurada por Francisco Otaviano, em 2 de dezembro de 1852, no Rio de Janeiro - onde os folhetins literários eram publicados. Daí dizer-se que a crônica brasileira nasceu no Rio. Com o passar do tempo o folhetim encurtou. De vários assuntos limita-se hoje a apenas um - ou nenhum (por falta de assunto).

E um dos maiores cronistas do Brasil até os dias de hoje é Machado de Assis, que começou sua vida jornalística aos 21 anos, em 1860 - a qual se estendeu até o final de sua existência - paralelamente à atividade de romancista iniciada aos 33 anos, em 1872, com *Ressurreição*. E um dos maiores da modernidade é Rubem Braga - com seu arco-íris de palavras e lirismo reflexivo.

Entretanto, o antecessor de todos os cronistas da atualidade foi João do Rio na época eram comuns os pseudônimos - (Paulo Barreto 1881 - 1921). Ele mudou o enfoque do folhetim, construiu nova sintaxe. Ao subir morros, frequentar lugares refinados e de malandragem, recriou a realidade, inventou personagens (Príncipe de Belfort) e diminuiu a linha que separa a crônica do conto.

Tivemos e temos outros grandes cronistas reconhecidos nacionalmente, como Coelho Neto e Humberto de Campos (conservadores), Alcântara Machado, Raquel de Queiroz, Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto), Nelson Rodrigues, David Nasser, Mário Quintana, Millôr Fernandes, Cecília Meireles (criou o mundo imaginário da Ilha do Nanja), Clarice Lispector, C. D. Andrade, Vinicius de Moraes, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Carlos Heitor Cony, Luís Fernando Veríssimo, Lourenço Diaféria, Ignácio de Loyola Brandão, Arnaldo Jabor, Diogo Mainard e outros.

De Goiás (alguns não nasceram aqui) citaremos dentre muitos: Miguel Jorge, Marieta Telles, Leda Selma, Anatole Ramos, Aída Félix de Sousa, Bariani Ortêncio, Carmo Bernardes, Heleno Godoy, Mário Rizério Leite, Modesto Gomes, Alaor Barbosa, Lena C. Branco, Nair Perillo, Francisco Brito, Oscar Sabino Jr., José Luiz Bittencourt, Javier Godinho, Joel Alencastro, Luiz Aquino, Batista Custódio, Consuelo Nasser, Adovaldo Sampaio, Nita Fleury, Nice Monteiro Daher, Jurema di Guimarães, Brasigóis Felício, José Mendonça Teles, Belkiss Spencièrè, Ursulino Leão, Luiz Sampaio, Mário de Moraes, Maria P. Godoy, Jean Pierre Conrad, Célia Ciqueira Arantes, José Asmar, Hélio Rocha, Ney Teles de Paula, Geraldo C. Vaz, Leonardo Teixeira, Flávio Paranhos, Rui Gonçalves Doca, Armênia de Souza, Leda Xavier, Edival Lourenço, Aidenor Aires, Gabriel Nascente, José Fernandes, Valdemes Menezes.

Talvez aqui em Goiás, a crônica feminina tenha despontado com *Matutina meia pontense*, em Pirenópolis, 1830 - seguindo-se com a participação da mulher nesse gênero especial nos jornais *A rosa* (1907) e *O lar* (1926), ambos da cidade de Goiás.

NO espaço da crítica II: A crônica..., da Prof^a Moema de Castro e Silva Olival (2002), há um panorama completo da crônica em Goiás, perpassando pelo Brasil. Convém conferir.

2 Definição atual de crônica

Seção de comentários dos fatos marcantes da semana, dando-se mais importância às considerações do cronista-jornalista sobre esses fatos. É um gênero híbrido que oscila entre o jornalismo e a literatura, entre a função referencial e a função poética da linguagem. Esse gênero é capaz de transformar um fato real numa verdade recriada. Ou numa invenção com aparência de realidade. Crônica é uma *conversa fiada*, irônica, lúdica ou lírica para esquecermos a dureza do dia-a-dia. É um texto de consumo imediato.

3 O leitor da crônica

Lendo as crônicas mais antigas de Rubem Braga (*Resposta a uma certa missiva*) e Raquel de Queiroz (*Meditações sobre o amor*), observamos que o leitor dessas crônicas era um fã de carne e osso: escrevia para o cronista-repórter da revista ou jornal dando opinião ou pedindo "conselho sentimental". Naquele tempo, os cronistas respondiam afetuosamente, em crônicas, às questões levantadas nas cartas, utilizando-se de vocativos: *Meu prezado leitor, ... / Em matéria de amor, senhorita, ... / Moça, ... / Rapaz, vou te contar...* O vocativo aproxima o cronista do leitor: *Ó querida Goiânia, ...*

Mais tarde, esses escritores do leve e do solto passariam a conversar com leitores imaginários que escreveriam para um redador-chefe, também fictício, como *nO pasquim*.

O leitor padrão de crônica é urbano, de classe média ou alta, com certo poder aquisitivo para comprar o jornal ou a revista e nível cultural para selecionar ou compreender o texto. A crônica não é um gênero menor para esse leitor. É um gênero a mais no nosso contexto tão parco da leitura.

O leitor de crônica em periódicos é um leitor com pouco tempo disponível, mas muito exigente quanto ao conteúdo que informa e que se diverte. Quer ler comentários sobre os diversos fatos do cotidiano, quer se informar sobre filmes, teatro, livros, futebol, lançamento em CDs, DVDs, etc. Tudo isso em linguagem despojada e de fácil entendimento.

4 Características da crônica

4.1 Características jornalísticas

Apoio no fato, na notícia concreta, para expor pontos de vista. Produção apressada, *no correr da pena*; sujeita às exigências de tempo, de espaço (tamanho / diagramação) - em alguns dias da semana. Produção datada, efêmera, sem compromisso com a posteridade.

4.2 Características literárias

Fato como pretexto ou ponto de partida para reflexão.

Enfoque pessoal, subjetivo, para além do cotidiano, do efêmero ou transitório, através das emoções do cronista.

Preocupações com a criação do texto e com os recursos estilísticos; emprego artesanal da palavra.

Descompromisso com a lógica e com a estrutura dos textos jornalísticos.

Ambiguidade no gênero: pode assemelhar-se ao conto, ensaio ou poema em prosa. E pode ser os três ao mesmo tempo.

A crônica literária transcende à notícia pela força criadora da fantasia.

5 Tipos de crônica (aspectos do conteúdo)

5.1 *Crônica-comentário* - Na 1ª. pessoa, sem forma fixa de composição, linguagem direta, denotativa, próxima da jornalística - despojada de metáforas para decodificação imediata. Pode haver nela um tom irônico e sarcástico.

5.2 *Crônica lírica* - Também na 1ª. pessoa e com ausência de forma fixa de composição. Os diferentes assuntos são ligados por associação livre sem eixo centralizador. Daí a organização pouco rígida do texto. A linguagem predominante é a do *eu* narrador: emotiva, sentimental, próxima do leitor e da poesia.

5.3 *Crônica narrativa* - Narração com humor, ironia ou crítica de costumes exposição e até diálogos - como forma predominante. Há um eixo

dos assuntos, um fato que gera a história. Essa história é breve, divertida, em ritmo rápido e com personagens do cotidiano. O final deve ser inesperado.

5.4 *Crônica filosófica ou metafísica* - Texto dissertativo, elaborado na 1ª. ou 3ª. pessoa, sem forma fixa de composição, podendo incluir a narração. O fato aparece como pretexto para análise de aspectos da vida humana, em situações particulares do ser. Sua decodificação não é imediata. A mensagem é conotativa e reflexiva.

Poderíamos acrescentar, ainda: a) a *crônica intimista e confessional*; b) a *crônica histórica, memorialista ou documentária*; c) a *crônica epistolar, carta, ou carta-crônica*; d) a *crônica didática*; e) a *crônica policial*; f) a *crônica social*; g) a *crônica econômica*; h) a *crônica política*; i) a *crônica religiosa* e j) a *crônica esportiva*.

6 Elementos / Estrutura escolhida pelo cronista

6.1 *Fato*: Motivo, acontecimento concreto ou imaginário e com personagens no plano individual, coletivo ou universal.

6.2 *Tipo de composição*: *Descrição* (predominam aspectos das personagens, do local, da paisagem, dos objetos); *narração* (a crônica se apoia na sequência de fatos) ou *dissertação* (firma-se nos argumentos, na sequência de opiniões e ideias).

6.3 *Personagens* (reais e/ou fictícias, descritas fisicamente, moralmente, socialmente, psicologicamente...).

6.4 *Ingerências* (ilações e interpretações sobre as qualidades das personagens onisciência do narrador- cronista que interfere no fato, nas personagens e, por vezes, não deixa o leitor elaborar sua própria interpretação),

6.5 *Diálogo com o leitor* (raramente existe, mas poderia existir na crônica narrativa de aspecto dramático. Depende do foco narrativo). Ou *monodialogo* - quando se faz autorreflexão.

6.6 *Foco narrativo, ponto de vista* - ângulo escolhido para ver o mundo (Na 1ª. pessoa, narrador-personagem ou disfarçado no eu-narrador subjetivo; na 3ª. pessoa, com o narrador- onisciente, tipo deus, que manipula suas criaturas, tudo sabe e interpreta. Isto é, o narrador-repórter-cronista é onisciente, intérprete do fato, crítico da ideia proposta).

6.7 *Tempo* (presente, contemporâneo, ou passado definido).

6.8 *Espaço* (local, ambiente definido e restrito ao fato).

6.9 *Estilo* (direto, jornalístico, linguagem de domínio popular, oral / ou com metáforas e construção de imagens em prosa poética ou poema em prosa).

6. 10 *Extensão* (breve, meia coluna de jornal, ou uma página de revista, para consumo imediato).

7 Conclusão

O cronista tem liberdade para escrever sobre o que quiser, até sobre a falta de assunto, a folha em branco diante de si, porém é escravo de seu espaço restrito naquele periódico.

Nossa primeira leitura dessa forma de texto costuma ser despreziosa, quase em diagonal, para ligeira informação ou passatempo. Caso o assunto nos atinja ou nos provoque algum interesse, poderemos ler a crônica de verdade, duas ou três vezes e, criticamente, perceber sua real significação e diversas interpretações no contexto do mundo ou da página do periódico em que se encontra.

Mereceria essa crônica o transitório, ou tornar-se definitiva num livro, através de seleção criteriosa? Quem sabe ela deveria ser reescrita, atualizada e afastada do tempo e das circunstâncias que lhe deram origem?

E, ao lermos esse gênero tão especial e ambíguo, numa linguagem tão próxima de nós, tão intimista, sobre acontecimentos de nosso dia-a-dia, poderemos encontrar metáforas e demais recursos estilísticos próprios dos gêneros chamados maiores. E que no contexto de nosso cotidiano possamos nos lembrar de que o tempo, em sua passagem fatal, vai devorando tudo o que existe, tudo o que é criado. Porém, nós cronistas, como Zeus modernos, temos conseguido arrancar das entranhas de Cronos os momentos fugazes da vida, salvando-os do esquecimento.